

DON'T MESS WITH COOKIE: A REPRODUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA ANGRY BLACK WOMAN EM EMPIRE

Luiza COSTA, (UFF)¹

Resumo: Mulheres negras são frequentemente representadas através de personagens que aparentam estar constantemente irritadas. Esta imagem de uma mulher intimidante e ameaçadora é responsável pela perpetuação do estereótipo da *angry black woman*. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é definir o que seria uma *angry black woman* através da análise de cenas da personagem Cookie Lyon (Taraji P. Henson), protagonista da série *Empire* (FOX, 2015-presente), que exemplifiquem alguma das características negativas comumente associadas às mulheres negras. Além disso, perpasso pelo conceito de estereótipo e elucido algumas das consequências da reprodução do estereótipo da *angry black woman* pela mídia.

Palavras-chave: Representação; Ficção seriada televisiva; Angry black woman.

Abstract: Black women are often represented through characters who appear to be constantly angry. This image of an intimidating and threatening woman is responsible for perpetuating the stereotype of the *angry black woman*. Therefore, this article aims to define what would be an *angry black woman* through the analysis of scenes of the character Cookie Lyon (Taraji P. Henson), protagonist of the TV series *Empire* (FOX, 2015-present), that exemplify some of the negative characteristics commonly associated with black women. In addition, I introduce the concept of stereotype and elucidate some of the consequences of the reproduction of the stereotype of the *angry black woman* by the media.

Keywords: Representation; Television series; Angry black woman.

Agressiva. Violenta. Rude. Hostil. Escandalosa. Encrueira. Temperamental. Essas são as principais características atribuídas a chamada *angry black woman*, a “mulher negra raivosa”, em tradução livre. E assim também pode ser definida Cookie Lyon, personagem interpretada por Taraji P. Henson na série *Empire* (FOX, 2015-presente). Neste sentido, o foco deste trabalho é tentar delinear o que seria uma *angry black woman* e discutir as possíveis consequências de sua reprodução na mídia, principalmente em mulheres negras. Antes, perpasso, mesmo que rapidamente, pelo conceito de estereótipo, uma vez que a *angry black woman* constitui-se como tal. Como exemplo, utilizo Cookie, quem parece ser uma personificação de todas as particularidades comumente atribuídas a chamada *angry black woman*. Apresentarei, então, algumas cenas da personagem que elucidam tais características.

¹ Graduanda em Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do projeto Série Clube e do grupo de pesquisa TeleVisões. E-mail: luizagcosta@hotmail.com.

Empire é uma série de drama musical lançada em 2015 pela FOX – atualmente, está em sua quinta temporada. Enquanto seus protagonistas são os Lyon, família negra bem-sucedida que ascendeu socialmente através da música, seus principais arcos narrativos são frequentemente impulsionados por conflitos, entre eles ou contra inimigos em comum, pelo controle da empresa da família, a Empire Entertainment, companhia multimilionária que atua principalmente enquanto uma gravadora de Hip Hop. Os Lyon são integrados por Cookie Lyon, produtora musical, Lucious Lyon (Terrence Howard), *rapper*, ambos fundadores da Empire, e seus três filhos: Andre Lyon (Trai Byers), diretor financeiro da empresa; Jamal Lyon (Jussie Smollett), cantor assumidamente gay; e Hakeem Lyon (Bryshere “Yazz” Gray), o caçula que acabou tornando-se *rapper* como o pai. Por apresentar uma gravadora de Hip Hop como seu elemento central, a série apresenta duas características marcantes: a produção massiva de canções originais e elenco majoritariamente negro.

Vale destacar o sucesso de audiência de *Empire*, principalmente em sua primeira temporada. Além de ter sido a maior estreia da FOX em três anos e a maior *season finale* de qualquer *network* na última década, sua audiência aumentou gradativamente a cada episódio, o que parece improvável na era moderna da televisão (WELIN, 2015). É interessante também contextualizar o momento (oportuno) em que *Empire* foi lançada. Como conta Butler (2015), entre 2013 e 2014, a FOX sofreu uma queda de mais de 20% em sua audiência e, pela primeira vez em 13 anos, caiu para quarta posição, no que concerne à audiência nacional, entre as grandes *networks* norte-americanas (CBS, NBC e ABC). Além disso, antes de *Empire*, a audiência da FOX era separada por um abismo entre brancos, que representavam 92% da mesma, e negros, que constituíam apenas 1%. *Empire* – que teve seu *marketing* voltado para o público afrodescendente (WELIN, 2015) – apresentou uma audiência com um pouco mais de 60% de espectadores negros, número nunca antes alcançado por nenhum *primetime show*. Para efeitos de comparação, Butler (2015) cita três das séries com protagonistas negros que estavam no ar quando *Empire* foi lançada (em 2015) e suas respectivas audiências de pessoas negras: *Scandal* (ABC, 2012-2018), com 37%; *How To Get Away With Murder* (ABC, 2014-presente), com 32%; e *Black-Ish* (ABC, 2014-presente), com 24%. Negros não alcançam nem metade da audiência dessas séries da ABC, enquanto em *Empire* até superam. Por mais que essas quatro produções tenham ajudado a aumentar a quantidade de atores negros na televisão

americana, três delas – com exceção de *Black-Ish*² – perpetuam estereótipos negativos associados a tais (BUTLER, 2015).

Apesar do grande número de espectadores negros, *Empire* é um dos exemplos contemporâneos de produto midiático que propaga diversos estereótipos negativos comumente atribuídos à população negra. Se por um lado, Butler (2015) acredita que a escassez de histórias sobre negros é consequência da escassez de roteiristas negros; por outro, destaca que narrativas sobre negros roteirizadas por negros não estão livres dos estereótipos negativos atribuídos a eles. *Empire* é um excelente exemplo dessa afirmação. Mesmo que a trama sobre uma família negra bem-sucedida na música tenha sido criada por um homem branco, Danny Strong, a série é dirigida, co-criada e co-roteirizada por Lee Daniels, um homem negro. A autora defende que, no que concerne a *Empire*, os espectadores, ao terem consciência que a série é produzida por um homem negro, tendem a acreditar que as histórias ali contadas são verídicas e, de forma mais geral, se referindo a todas as produções que representam pessoas negras através de estereótipos geralmente atribuídos a elas, destaca que essas representações negativas têm impacto tanto nos espectadores não-negros quanto nos próprios negros³ (BUTLER, 2015). Neste sentido, aponta cinco estereótipos negativos associados a pessoas negras que têm sido perpetuados por *Empire*: “negros são *homofóbicos*, mulheres negras são *agressivas*, negros defendem a *punição corporal* na criação de seus filhos, negros são *contra relacionamentos interracialis* e homens negros são *criminosos violentos*” (BUTLER, 2015, p. 3). Foco aqui no estereótipo de que mulheres negras são agressivas, o que culminou no estereótipo da *angry black woman*.

QUEM É A ANGRY BLACK WOMAN?

² *Black-Ish*, assim como *Empire*, também tem como protagonista uma família negra bem-sucedida, mas, por outro lado, é uma série de comédia que parece ter como proposta discutir e desconstruir estereótipos vinculados a pessoas negras.

³ Segundo o conceito de “blending” espectadores que assistem pelo menos quatro horas de televisão por dia tendem a misturar o que é reproduzido na televisão com a realidade vivida. Já o conceito de “resonance” está ligado a situações em que o que é representado na televisão se relaciona, de alguma forma, à realidade do espectador, tornando-o mais suscetível a acreditar que o que está sendo retratado é um reflexo de sua realidade (BUTLER apud GERBNER, 1998).

O termo “estereótipo” vem do grego *stereos-typos* que significa “impressão rígida”. Foi utilizado pela primeira vez, em 1798, pelo tipógrafo Firmin Didot, para se referir ao processo de produzir cópias de páginas, essencial para a impressão em massa de jornais, livros e afins, e apropriado metaforicamente, em 1922, pelo jornalista Walter Lippmann (SANTORO, 2014). Desde então, “estereótipo” pode ser definido como um conceito previamente concebido, baseado em noções superficiais e infundadas, sobre o comportamento ou aparência de um conjunto de indivíduos que estabelece um padrão sobre o mesmo. Essa concepção, embasada a partir de aspectos imparciais e impessoais tomados como verdade pelo senso comum, é coletivamente compartilhada e constantemente reproduzida de forma automática, indistinta e inadaptável a diferentes contextos⁴. Neste sentido, o estereótipo se constitui como um rótulo “reducionista, simplificador, essencialista e naturalizante” que limita pessoas a características consideradas naturais a elas que acabam sendo exageradas (HALL, 2016).

Além disso, o estereótipo apresenta uma função segregante. A partir da atribuição de características simplificada e reduzidas, propõe “oposições binárias” que explicitam diferenças entre grupos sociais. Através de “fronteiras simbólicas” entre o normal/aceitável e o anormal/inaceitável, separa aqueles que pertencem, “nós”, daqueles não-pertencentes, os “Outros”. O que fica claro é que “a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades sociais”, partindo de formas culturais que predominam, os hegemônicos, em direção aos “Outros”, que acabam sendo estigmatizados e, conseqüentemente, excluídos (HALL, 2016). A *angry black woman*, então, poderia ser classificada como o “Outro”.

Segundo Suzane Jardim, a época da escravidão foi responsável por padronizar o comportamento feminino, o que era válido apenas para mulheres brancas de classe média⁵. Gleide Davis, por sua vez, destaca que, naquele período, cobrava-se dessas mulheres “uma postura de leveza, calma, gentileza e pouca exaltação”, enquanto as mulheres negras “não receberam essa ‘educação civilizatória’ e se portavam como bem quiseram, gargalhavam, discutiam, se impunham e tomavam a frente dos homens em

⁴ Disponível: <<https://www.priberam.pt/dlpo/estere%C3%B3tipo>>, acesso em 15 de junho de 2018.

⁵ Disponível em: <<https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estere%C3%B3tipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6>>, acesso em 18 de junho de 2018.

diversas situações”⁶. Assim, em decorrência da “obsessão” do estereótipo por demarcar diferenças (HALL, 2016), às mulheres negras sobram as características agressivas e masculinizadas (WEST, 2008 apud BUTLER, 2015). No entanto, foi só nas décadas de 1940 e 1950 que o estereótipo da *angry black woman* foi institucionalizado, através da personagem Sapphire Stevens, do programa de rádio e (posteriormente) televisão, *Amos 'n' Andy* (WEST, 2008 apud BUTLER, 2015). Sapphire – nome por vezes utilizado para se referir a *angry black woman* – era uma mulher “hostil e irritante e seu principal objetivo era castigar seu marido afro-americano” (WEST, 1995 apud BUTLER, 2015, p. 60, tradução nossa). A *angry black woman*, então, pode ser definida como uma mulher de gestuais extravagantes com mãos e pescoço, tom de voz alto e discursos considerados irritantes e afrontosos⁷ e, além disso, “perigosa, instável, dominada pelas emoções, incapaz de agir racionalmente⁸, como alguém que merece a solidão e que não ligará pra isso, pois é muito forte e não precisa do mínimo carinho, cuidado ou atenção”⁹. Pelo contrário: mulheres negras sofrem sim com a solidão provocada pela perpetuação de tal estereótipo tão negativo.

Uma das consequências da reprodução do estereótipo da *angry black woman* diz respeito às vidas amorosas de mulheres negras¹⁰. Segundo uma pesquisa realizada em 2009 pela Yale University, 23% de brancas e 42% de negras nunca foram casadas. Essa diferença pode ser explicada pelo fato que mulheres negras, ao serem representadas através de características negativas, como hostilidade e agressividade, podem ser vistas, pelos homens, como candidatas intimidantes. Assim, homens negros acabam preferindo se relacionar com mulheres de outras raças (BUTLER, 2015). Pesquisas sobre relacionamentos interracialis apontam três principais resultados: 1) “os casais interracialis formados por brancos e negros são geralmente vistos mais negativamente do que outras combinações raciais”; 2) “homens negros e mulheres brancas são o relacionamento mais

⁶ Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/08/03/fica-calma-e-o-estereotipo-da-negra-raivosa/>>, acesso em 10 de junho de 2018.

⁷ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/oct/08/stereotype-angry-black-girls-racial>>, acesso em 14 de junho de 2018.

⁸ Aos brancos é reservado a “Cultura” e aos negros, a “Natureza”. Enquanto os primeiros são civilizados nos âmbitos “emocional, sexual e civil”, nos segundos predomina o instinto, a emoção, o sentimento. (HALL, 2016).

⁹ Disponível em: <<https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estere%C3%B3tipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6>>, acesso em 18 de junho de 2018.

¹⁰ Considero aqui apenas relacionamentos heterossexuais.

comum entre negros e brancos”; 3) “a mulher negra é a que mais se opõe às relações interracialis entre homens negros e mulheres brancas” (BUTLER, 2015, p. 66, tradução nossa). Tais pesquisas focam apenas na experiência de mulheres brancas em relacionamentos interracialis e, assim, acabam reforçando o estereótipo da *angry black woman*, uma vez que mulheres negras não dispõem de oportunidade para explicar os motivos de sua objeção (CHILDS, 2005 apud BUTLER, 2015), e ainda justificam outro estereótipo associado às negras: elas não confiam em mulheres brancas. Além dos poucos homens negros elegíveis – em decorrência do envolvimento com drogas, prisão e até mesmo homicídio – estarem em relacionamentos com mulheres brancas, negras acreditam que relacionamentos entre negros e brancas ameaçam a comunidade, cultura e estrutura familiar afrodescendente (BUTLER, 2015).

Como aponta Djamila Ribeiro, quando um grupo tão grande não se casa, o problema não é individual e sim estrutural. E a estrutura a qual estamos inseridos ao mesmo tempo que faz a mulher negra acreditar que não é digna de ser amada, instrui o homem negro que o padrão de beleza está associado à mulher branca¹¹. Assim, os relacionamentos entre negros e brancas resultam em outra consequência às negras, dessa vez no que concerne sua autoestima: mulheres negras não têm as mesmas oportunidades de se envolverem em um relacionamento interracial, também em decorrência dos estereótipos negativos associados a elas, mas principalmente, porque não se encaixam nos padrões de beleza estabelecidos a partir de mulheres brancas (COLLINS, 2004 apud BUTLER, 2015). Esse preterimento por parte dos homens, tanto negros quanto brancos, faz com que a mulher negra experiencie o que pode ser chamado de “solidão da mulher negra”. Definida como a “falta de afetividade de homens para com mulheres negras em relacionamentos amorosos e heterossexuais” (LOPES, 2017, p. 51), a solidão da mulher negra é fruto do “machismo aliado com o racismo” (p. 19):

Homens e mulheres, independente da questão racial, estão expostos à traição ou abandono afetivo. No entanto, a questão da solidão da mulher negra ultrapassa a linha de “independente de”. [...] A mulher negra está mais propensa ao preterimento devido às estruturas raciais e patriarcais. Homens brancos e negros tendem a ter preferências por mulheres brancas. (LOPES, 2017, p. 51)

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A>>, acesso em 10 de junho de 2018.

Desde a escravidão até hoje, o estereótipo da *angry black woman* não só contribuiu, mas também serviu de justificativa para que mulheres negras sejam historicamente maltratadas e, inclusive, sexualmente exploradas (BUTLER, 2015). Além disso, tal estereótipo também é uma forma de oprimir mulheres negras, retratando-as como raivosas mesmo quando tentam argumentar calmamente ou até quando essa ira é justificável – por exemplo, como não ficar com raiva dos constantes assassinatos de pessoa negras?¹² Para Gleide Davis:

Esse estereótipo não reconhece o ódio da mulher negra como uma reação legítima diante de situações injustas, ele é visto como um desejo patológico irracional da mulher negra em controlar tudo e todos ao seu redor. Ele pode ser empregado contra mulheres negras que se atrevem a questionar injustiças, maus-tratos, ou pedir ajuda. Com uma enorme ferramenta de deslegitimação e silenciamento nas suas costas, a mulher negra raivosa perde seu espaço, perde a sua autoestima e a sua capacidade de luta.¹³

Como bem destaca Butler, “apesar de não existir nenhuma evidência empírica que comprove que mulheres negras sejam mais raivosas ou agressivas que mulheres de outra raça, o estereótipo continua sendo amplamente referenciado” (2015, p. 61, tradução nossa). Desde *Amos 'n' Andy*, outras Sapphires podem ser citadas. Os exemplos vão de personagens que reproduzem a *angry black woman* mais sutilmente, como Olivia Pope de *Scandal* e Annalise Keating de *How to Get Away with Murder*, a personagens que representam tal estereótipo explicitamente, como Rochelle Rock da série *Todo Mundo Odeia o Chris* (CW, 2005-2009) e Cookie Lyon de *Empire*, objeto de pesquisa deste trabalho. Enquanto Pope representa o estereótipo da *angry black woman* solteira “incapaz de conseguir ou manter seu próprio homem”, Keating é a *black woman* infeliz – mais especificamente com seu casamento (BUTLER, 2015). Já Rochelle é uma mulher que parece estar extremamente irritada o tempo todo, sempre “aos berros” e com um jeito um tanto quanto ameaçador de criar seus filhos – a personagem é conhecida por frases como “Garoto, te bato até você ficar branco!” e “Você é meu filho, eu te coloquei no mundo e posso muito bem te tirar dele”. Atualmente, o exemplo de *angry black woman* na televisão

¹² Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/oct/08/stereotype-angry-black-girls-racial>>, 24 de junho de 2018.

¹³ Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/08/03/fica-calma-e-o-estereotipo-da-negra-raivosa/>>, acesso em 10 de junho de 2018.

norte-americana é Cookie Lyon, que apresenta um comportamento muito similar ao de Rochelle, com algumas ressalvas: enquanto Mrs. Rock era uma dona de casa de uma família humilde, Mrs. Lyon é uma ex-condenada milionária.

QUEM É COOKIE LYON?

Loretha Holloway. Esse é o verdadeiro nome de Cookie Lyon, interpretada por Taraji P. Henson. Tal fato só foi exposto na terceira temporada de *Empire* que teve como proposta contar a história de Cookie e Lucious. É nesse contexto que, além de saber como o casal se conheceu, acabamos descobrindo mais sobre Loretha Holloway/Cookie Lyon. Foi criada na Filadélfia pelo pai solteiro, quem acreditava que Loretha era a mais propensa de suas três filhas a ter um futuro promissor, o que ele acreditava que aconteceria se a filha seguisse carreira na medicina. Por outro lado, Loretha sempre sonhou em trabalhar com música. Conheceu Lucious quando saía da escola com as irmãs, enquanto o futuro marido cantava *rap* em uma esquina – mais tarde sabe-se que esse encontro foi planejado por Lucious, que já havia a visto. Loretha, então, acabou se envolvendo com ele – quem a apelidou de Cookie –, encantada pelo talento musical do rapaz, e com a venda de drogas, o que ele fazia para sobreviver. Assim que seu pai descobriu o que filha estava fazendo, a expulsou de casa – logo depois morreu de infarto, o que Cookie sempre acreditou ser sua culpa. Passou a viver com Lucious, ajudando tanto em suas músicas quanto com o tráfico. Já casados e com três filhos, Cookie e Lucious continuaram traficando drogas para financiar o sonho de lançá-lo como *rapper* e fundar sua própria gravadora. Cookie acaba sendo pega vendendo drogas para um agente federal infiltrado e é condenada. Presa por 17 anos, liberta antes do tempo por ajudar a polícia na investigação contra o traficante para quem trabalhava, retorna reivindicado sua parte na Empire Entertainment, fundada por ela e pelo então ex-marido, Lucious, com os 400 mil dólares conseguidos por ela com o tráfico.

É interessante apontar como Cookie é representada antes e depois da prisão. Nos *flashbacks*, ainda a adolescente Loretha, era inteligente, dócil e carinhosa, ainda que obstinada a seguir a carreira na música. Já mulher, casada e mãe, estava sempre alegre, cuidando dos filhos ao mesmo tempo que produzia as canções de Lucious, se encarregando dos serviços de casa e do tráfico para que nada pudesse atrapalhar o

processo criativo do marido. Por outro lado, desde sua primeira cena no piloto, deixando a prisão, é representada como uma mulher extravagante, de fala alta, agitada, que muitas vezes é humilhada por não ser elegante e nem mesmo inteligente o suficiente. Parece que os 17 anos na prisão transformaram Cookie numa *angry black woman*. Suas cenas na prisão, mostram uma Cookie desesperada longe dos seus filhos, que rezava para que a dor passasse. Entretanto, esses *flashbacks*, que são mais aprofundados na terceira e na quarta temporada da série, retratam como Cookie se adaptou às situações vividas na cadeia – principalmente as cenas da quarta temporada, mostram um Cookie mais agressiva na prisão, inclusive se envolvendo em brigas que a levaram para a cela solitária. Assim, em todos os episódios de *Empire*, Cookie reitera alguma característica de uma *angry black woman*. Foram, então, escolhidas quatro das cenas mais icônicas da personagem e que, principalmente, servem de exemplo para elucidar o porquê Cookie pode ser considerada uma *angry black woman*.

A primeira cena exemplifica não só as características agressiva e violenta da *angry black woman*, mas também o estereótipo, trazido por Butler (2015), de que negros acreditam na punição física na criação de seus filhos. No episódio piloto de *Empire*, após sair da prisão, Cookie vai ao encontro de cada membro da família Lyon. Após visitar Jamal em seu apartamento e Lucious na *Empire*, vai até a casa de Hakeem, filho com quem menos teve contato, uma vez que ele era apenas um bebê quando a mãe foi presa. O rápido reencontro dos dois já começa com um ar hostil de ambas as partes. Fica claro que Hakeem guarda mágoas de Cookie, quem dirige-se ao caçula com tom de autoridade. Após rispidamente mandar que Hakeem abaixasse a música para que ela pudesse falar, Cookie abaixa a guarda e pergunta por que ele nunca retornou suas ligações, além de desabafar que tudo o que ela fez foi por seus filhos. Hakeem, então, provoca: “Você quer uma medalha, vadia?”¹⁴. Cookie, por sua vez, retruca elevando progressivamente a voz: “O que eu quero é respeito!”¹⁵, ao mesmo tempo que arranca uma vassoura das mãos de Hakeem e começa a agredi-lo violentamente. Na cena seguinte, Hakeem vai ao encontro de seu pai na boate pertencente a *Empire* e ao observar os hematomas no filho, Lucious comenta entre risos que percebeu que ele já tinha encontrado sua mãe. Tal comentário “reforça o estereótipo da mulher negra agressiva, porque Lucious implicou que ao

¹⁴ “Do you want a medal, bitch?”

¹⁵ “What I want is some respect.”

encontrar Cookie, Hakeem poderia esperar esse tipo de comportamento hostil vindo dela” (BUTLER, 2015, p. 53, tradução nossa).

O último Lyon quem Cookie reencontra é Andre. Ainda no episódio piloto, a mãe pergunta ao primogênito por que ele se casou com uma mulher branca e o mesmo responde que Rhonda (Kaitlin Doubleday) é uma mulher brilhante. Cookie, então, rebate: “Garotas brancas bonitas sempre são [brilhantes], mesmo quando elas não são”¹⁶¹⁷. Apesar de ser a única cena analisada que não apresenta nenhuma agressão física, reitera o estereótipo de que mulheres negras não confiam em mulheres brancas, principalmente no que concerne relacionamentos interracializados entre essas mulheres e homens negros. Na verdade, parece que a mulher branca é representada, em *Empire*, como a mulher negra supostamente a enxerga, “más e conspiradoras”: Rhonda é uma mulher extremamente manipuladora que está sempre incentivando e ajudando Andre a criar planos que prejudiquem os Lyons a fim de que ele assuma o controle da Empire. Assim, uma consequência dessa representação estereotipada da mulher branca é fazer o espectador confirmar que elas, e principalmente seus relacionamentos com homens negros, são destrutivos para a *black family* (BUTLER, 2015).

No último episódio da primeira temporada, *Who I Am*, Cookie vai até uma reunião marcada com seus filhos, Hakeem e Andre. Ao chegar no apartamento do caçula, descobre que Anika Calhoun (Grace Byers), ex-noiva de Lucious, quem Cookie despreza, está presente. Após pegar uma bebida, Cookie se aproxima de Anika e provoca: “Me diga por que eu não deveria jogar esse *drink* na sua cara?”¹⁸. Anika, então, responde: “Porque você nunca levantaria do chão, vadia”¹⁹. Cookie avança em Anika e se inicia uma briga física entre as duas. Essa cena confirma o clássico estereótipo da *angry black woman* como agressiva e violenta (BUTLER, 2015), além de afrontosa e provocativa.

A última cena analisada está inserida no contexto da terceira temporada de *Empire*, que foca no relacionamento de Mr. e Mrs. Lyon, principalmente em sua história. No décimo episódio, *Sound & Fury*, antes de anunciar a nova chefe do A&R²⁰, Lucious

¹⁶ “Pretty white girls always are, even when they ain't.”

¹⁷ Vale destacar que Cookie nunca questionou por que Hakeem se relaciona com Tiana (Serayah), uma mulher negra (BUTLER, 2015).

¹⁸ “Tell me why I shouldn't throw this drink in your bitch-ass face?”

¹⁹ “Cause you'd never get up off the floor, bitch.”

²⁰ Sigla de “Artista e Repertório”, divisão de uma gravadora responsável por encontrar novos talentos e pelo desenvolvimento artístico dos músicos, sendo basicamente a ponte entre artista e gravadora. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/A%26R>>, acesso em 26 de junho de 2018.

profere um discurso enigmático sobre como essa pessoa é sua maior crítica e aliada, e, mais que isso, sua “musa” e o “DNA da Empire” – apesar de estar receoso de atribuir tal função a ela, para que a mesma não se desviasse de sua responsabilidade primeira, ser mãe. A princípio, todos na reunião pensam que o CEO está se referindo a sua ex-esposa, Cookie. Mas, depois de tanto mistério, Lucious finalmente anuncia sua atual esposa, Anika, como a nova encarregada do A&R. Cookie, então, levanta-se imediatamente e deixa a sala de reuniões.

Na próxima cena – a mais intensa e violenta das cenas analisadas –, Lucious está em um estúdio e Cookie, logo em seguida, entra no cômodo com um taco de beisebol. É com ele que Cookie destrói discos nas paredes do estúdio e dos corredores da Empire, sempre destacando que o sucesso desses álbuns dependeu de sua produção, às vezes feita até mesmo de dentro da prisão. Em certo momento, Cookie acaba atingindo Lucious com o taco, quem cai e passa a rastejar. Na sala de reuniões da empresa, Cookie reivindica, gritando, que nenhum daqueles discos e nem a própria Empire existiria se não fosse por ela, sempre usando as palavras de Lucious na reunião de mais cedo: “de quem é o DNA da empresa? Quem é sua musa? Quem é a mãe com o trabalho mais importante?”²¹ Após gritar “Eu te dei três filhos!”²², começa a chorar ao lembrar que inclusive sofreu um aborto. No escritório do ex-marido, Cookie, ainda aos prantos, relembra os sacrifícios que fez por Lucious para que ele entregasse tudo construído com seu esforço a Anika. Ao final da cena, ambos acabam abraçados e se beijando. Além de claramente reforçar a agressividade e violência atribuídas à *angry black woman*, essa cena destaca o desgaste emocional de Cookie ao sofrer com a solidão da mulher negra. Sacrificou sua vida por um homem que a abandonou e que faz com que outra mulher, associada aos padrões de beleza atribuídos às mulheres brancas, desfrute das consequências dos seus esforços.

Cookie é a Sapphire contemporânea. A personificação da *angry black woman*. Nas cenas apresentadas, conhecemos uma personagem extremamente agressiva e violenta, além de provocativa e sarcástica. Cookie não perde oportunidades de verbalizar suas opiniões, por mais contraditórias e polêmicas que sejam, mas também não mede esforços para proteger seus filhos e a empresa da família, a qual ela considera como um

²¹ “So, whose DNA is in that, Lucious? [...] Who was your muse for that? [...] Who's the mother with the important job, Lucious?”

²² “I gave you three sons, bitch, three sons!”

legado. Cookie é uma *angry black woman* ou apenas uma mulher forte e obstinada? E se ela for mesmo *angry*, ela não teve motivos para tal? Passou 17 anos de sua vida presa para realizar o sonho de um homem que a abandonou e, pior, perdeu a oportunidade de criar seus próprios filhos. Sofreu com a solidão, ao passar todo esse período sendo visitada por apenas um deles. Já uma mulher liberta, teve todas suas tentativas de relacionamento destruídas por Lucious, com quem mantém uma relação abusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema do estereótipo é limitar o que indivíduos podem ser. No caso do estereótipo aqui tratado, a mulher negra só está apta a sentir raiva e agir agressivamente. Não existem outras nuances nessas mulheres? E se realmente são tão raivosas, de onde vem tanta ira? Talvez do passado na escravidão, do preconceito sofrido e do fato de serem preteridas por não se encaixarem nos padrões de beleza e de comportamento estabelecidos a partir de mulheres brancas. Assim, mulheres negras podem realmente apresentar algumas das características associadas à imagem da *angry black woman*, mas isso não deveria justificar que suas opiniões e sentimentos sejam subestimados ou invalidados²³.

Além das consequências em seus relacionamentos, ou pelo menos na tentativa de conseguir e manter algum saudável, e em sua autoestima, mulheres negras sofrem com a constante reprodução do estereótipo da *angry black woman* pela mídia na medida que aqueles expostos a tais imagens podem desenvolver uma certa dificuldade de enxergá-las como pessoas gentis (BUTLER, 2015), ou até mesmo de tentar entender seus motivos para tal comportamento, o que acaba não acontecendo, uma vez que, como aponta Hall (2016), uma das características do estereótipo é associar uma característica ao indivíduo que aparentemente é natural a ele e, assim, incontestável.

Nosso objeto de estudo, Cookie Lyon, antes de ser presa, era uma jovem mulher alegre, carinhosa, sonhadora e até mesmo calma. Mas não se poderia esperar que quase duas décadas na cadeia, longe de seus filhos – ainda crianças e até mesmo bebês, no caso de Hakeem –, os quais não pode criar, não a transformassem em outra mulher. Cookie

²³ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/oct/08/stereotype-angry-black-girls-racial>>, acesso em 24 de junho.

sacrificou todos esses anos por um homem que a abandonou e insiste em excluí-la das decisões da empresa fundada com o dinheiro que lhe custou 17 anos de sua vida, a criação de seus filhos e o usufruto do sucesso dos álbuns que produziu.

REFERÊNCIAS

BUTLER, D. **“Blacks Be Like”**: An Analysis of Negative Stereotypes Perpetuated in Fox’s Empire. Monografia de conclusão de curso em Psicologia. Wesleyan University, 2015.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

KRÜGER, H. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: LIMA, M.; PEREIRA, M. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, p. 23-41, 2004.

LOPES, V. **Empoderamento, Representatividade e Crítica ao Racismo em Lemonade, Beyoncé, 2016**. Monografia de conclusão de curso em História. Universidade de Brasília, 2017.

SANTORO, E. Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito**, v. 6, n. 1, p. 15-30, 2014.

WELIN, E. **The straight guy who sleeps solely with men— A deep semiotic analysis of hegemonic parameters in the American television serial Empire**. Trabalho de conclusão de curso em Comunicação. Södertörn University, 2015.